



Recebido em 16/02/2022

Aceito em 14/06/2022

<https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i40.42002>

## DOSSIÊ

# Festa, Versos e Forró: Representações do São João de Campina Grande em Cordéis

Party, Verses and Forró: Representations of Campina Grande's São João in cordéis

*Glauber Paiva da Silva*

Doutorando em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco

**RESUMO:** O São João de Campina Grande é uma das maiores festividades do país, tanto na perspectiva financeira, quanto em duração. Por conseguinte, foram criadas diversas representações sobre o “Maior São João do Mundo”, que é o slogan utilizado pela prefeitura. Dentre as representações, podemos citar as dos cordéis que em suas narrativas, conseguem fornecer uma variedade de informações sobre a festividade. Assim, o propósito dessa pesquisa é perceber quais as representações criadas pelos cordelistas sobre o São João de Campina Grande e suas narrativas de exaltação a políticos locais. Para a elaboração, nos debruçamos sobre alguns cordéis encontrados na Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida da UEPB. Acerca do conceito de representação, nos utilizamos de Chartier (1988). Acreditamos que este trabalho contribui na tentativa de pensar o São João de Campina Grande para além da festa espetacularizada, na tentativa de ser um fio condutor para tal discussão.

**Palavras-Chave:** São João. Campina Grande. Cordéis.

**ABSTRACT:** Campina Grande's São João is one of the biggest festivities in the country, both from a financial perspective and in terms of duration. Therefore, several representations were created about the “Maior São João do Mundo”, which is the slogan used by the city hall. Among the representations, we can mention those of the Cordéis which, in their narratives, manage to provide a variety of information about the festivity. Thus, the purpose of this research is to understand the representations created by cordelistas about Campina Grande's São João and their narratives of exaltation to local politicians. For the elaboration, we leaned over some Cordéis found in the Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida of UEPB. About the concept of representation, we used Chartier (1988). We believe that this work contributed to the attempt to think about Campina Grande's São João beyond the spectacularized party in an attempt to be a guiding thread for such a discussion.

**Keywords:** São João. Campina Grande. Cordéis.

O São João de Campina Grande é considerado uma das maiores festas do Brasil, tanto em perspectiva simbólica e de rentabilidade, quanto também em duração, haja vista que se estende por 30 dias. Acontecendo durante todo o mês de junho, o festejo junino conta com uma variedade de atrações que unidos a muito forró, tenta abarcar o maior número de turistas do Brasil ou do exterior.

O formato atual da festa inicia-se oficialmente no ano de 1983, logo adquirindo o nome de o “Maior São João do Mundo”, por iniciativa do prefeito da época, Ronaldo Cunha Lima. É necessário salientar que, antes da gênese da festa nesse modelo, havia uma pluralidade festiva muito grande na cidade de Campina Grande, que integrava as mais diversas classes sociais e os mais variados locais.

Com a centralização festiva acontece uma reinvenção dos modos de celebrar a festa, e com isso, também cria-se diversas representações sobre ela. Tais representações podem ser encontradas em músicas, documentários, imagens e também nos cordéis. As diversas representações, trazem à tona desde a criação do festejo, até o enaltecimento do prefeito considerado criador da festa.

Mas, qual a ligação entre as representações e os cordéis? A representação que tenta fazer ver uma ausência, não pode ser considerado uma cópia idêntica da realidade, mas, traz consigo diversos signos que nos aproximam de um contexto por meio de uma obra em um dado recorte temporal. Assim:

A relação do texto com o real [...] constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. O que leva, antes de mais, a não tratar as ficções como simples documentos, reflexos realistas de uma realidade histórica, mas a atender a sua especificidade enquanto texto situado relativamente a outros textos e cujas regras de organização, como a elaboração formal, tem em vista produzir mais do que mera descrição. (CHARTIER, 1988, p. 63)

Portanto, as narrativas criadas por meio dos cordéis, nos fazem compreender por meio das construções de enredos o acesso a características de um determinado período histórico, como economia, política, e contexto sociocultural. Para Silva (2015), os cordéis trazem em seu portfólio as “marcas” e “falas” dos seus produtores, que lhe configuram como indicadores dos seus lugares sociais, sendo, muitas vezes, contrapontos de outros textos que circulam na sociedade, como o jornalístico, por exemplo. Assim, não apenas o texto do cordel, mas a forma que ele foi produzido, podem contribuir nas representações ali postas.

Conquanto, se utilizando das representações dos cordéis, tentaremos refletir acerca do São João da cidade de Campina Grande. Nessa pesquisa temos o interesse de responder, tais problemas: Como os cordéis representam a festa do Maior São João do Mundo? E quais as narrativas de enaltecimento que podem ser encontradas nestas representações?

Para a composição desse trabalho, nos utilizaremos de sete cordéis criado por autores diferentes. Todos os cordéis foram compostos no período em que a festa do Maior São João do Mundo já existia, e podem ser encontrados na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida que está alocado na Universidade Estadual da Paraíba.

Acreditamos que essa pesquisa contribui para trazer novos olhares acerca do São João de Campina Grande, haja vista que, abocanha impressões, ou melhor, representações da festa, por parte de outros sujeitos, para além da imprensa. É uma pesquisa inovadora, o que por si só justifica o empenho em tece-la, além de contribuir para o campo das festas e representações que a cada dia apenas cresce.

## 1. Uma Centralização Imagética: O Parque do Povo

De início, podemos focar nas capas dos cordéis que nos propomos a analisar, já que, elas proporcionam uma carga simbólica por meio dos desenhos no estilo das xilogravuras que lá estão postos. Além da carga simbólica, tais imagens também denotam as mudanças ocorridas historicamente nos festejos juninos de Campina Grande.

Quando pensamos acerca das representações, entendemos que ela se configura como “um processo pelo qual institui-se um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar de quem representa” (MAKOWIECKY, 2003, p.4). Assim, quando refletimos acerca do São João de Campina Grande temos imagens que cristalizam o festejo de tal forma que transparecem uma centralização, ao mesmo tempo que esconde a pujança que um dia mesclava-se em diversidade na cidade.

Na capa de três cordéis, dos sete que analisaremos, podemos destacar tais semelhanças:

IMAGEM 01: Capas de Cordéis



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida

As três capas, tentam trazer representações de elementos que podem ser encontrados nos festejos juninos. Signos característicos como a fogueira, o balão, a sanfona e muitas pessoas festejando figuram nesses exemplares. Entretanto, um detalhe pequeno, mas, muito importante também se destaca entre eles. Uma figura triangular compõe todos esses cenários criados<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> No cordel “A Micarande e o Maior São João do Mundo”, a figura triangular é cortada, mas ela está lá. Como nesse cordel a autora, Socorro Soares, escreve sobre duas festas, o artista que desenhou a capa tentou enquadrar da melhor forma os dois objetos. Mas, ainda assim, é possível ver o início do triângulo na parte de baixo da capa do cordel, ficando de fora apenas a ponta do triângulo. Enquanto, no Cordel “O

Para quem já prestigiou o Maior São João do Mundo, sabe que esse grande triângulo, nada mais é do que o local legitimado pela espetacularização<sup>2</sup> para celebração da festa. Tal território é conhecido como Pirâmide, que compõe um dos cenários do Parque do Povo, local onde ocorre o festejo.

A Pirâmide do Parque do Povo, inicialmente adquiriu o nome de Forródromo, sendo o local primordial da festa, visto que, assim que foi criado, era nesse palco em que ocorria as festas, sendo extremamente concorridos entre famílias e casais que queriam dançar e aproveitar os shows. Evidentemente que com o crescimento da festa, o espaço não comportaria a quantidade de pessoas que iam celebrar o santo junino<sup>3</sup>, sendo necessário a ampliação e criação, de fato, do Parque do Povo.

O local escolhido foi criado no ano de 1986, e ficava em uma área conhecida como “coqueiros de Zé Rodrigues”, que, apesar de ficar em um local privilegiado da cidade – no centro e próximo a cartões postais, como o Açude Velho e Açude Novo – ainda não tinha tanta funcionalidade para a cidade, além de ser sangradouro para o Açude Novo. Entretanto, após a construção da Pirâmide e, conseqüentemente, do Parque do Povo, o local passa a ser – ao menos imageticamente – o lócus da festa:

O local de maiores e mais intensas ofertas lúdicas é o Parque do Povo, com diferentes tipos de atividades em seus ecléticos espaços, quase todos com sons altos e intermitentes que induzem à empolgação, jogos de luzes nos palcos, especialmente no do arraial do Palco Hilton Mota, que impressiona pela grandeza e parafernália eletrônica, placas e balões publicitários iluminados, decorações dos estantes, bares e restaurantes. Além da atratividade estética das pessoas, os shows pirotécnicos, o convite ao agito por música e danças, entre outras ocorrências que instigam o sensorial. Realmente ilusões, afinal é tudo encenação no local, ambiente imagético-teatral que, contudo, proporciona o envolvente clima festivo, a atmosfera lúdica que contagia e seduz. (NOBREGA, 2018, p.205-206)

Portanto, a partir da espetacularização da festa, a sua imagem central passa a ser a região do Parque do Povo. É como se tudo ocorresse essencialmente lá! Compreendemos que a prefeitura vende o espaço como centro da festa, local por primazia do lazer oferecido na cidade, e é neste território construído que tais representações são apropriadas e, posteriormente, comercializadas.

---

Maior e Melhor São João do Mundo” de Adriano Alves Bezerra, temos basicamente duas fotos, e o triângulo está posto no final das duas imagens.

<sup>2</sup> De acordo com Nóbrega (2018, p.32), a espetacularização seria: “parte do complexo do consumo cultural da contemporaneidade, articulado por sistemas industriais sofisticados, de acordo com a mercantilização da mídia, a fragmentação e os hibridismos culturais, entre outras ocorrências. Um conjunto fenomenológico que se amplia no decorrer dos tempos, paulatinamente, ao provocar a percepção de que a cultura, hoje, possui novos parâmetros paradigmáticos”.

<sup>3</sup> Atualmente, é o local marginalizado pela mídia e elite local, por causa dos frequentadores de classes mais populares, o que denota uma clara divisão de classes. Segundo Morigi (2007, p. 84): “O Forródromo ou a Pirâmide é o espaço oficial para a dança, mas muitas pessoas não frequentam esse espaço. De acordo com alguns frequentadores das barracas grandes, localizados na parte superior do parque, quando indagados sobre o significado da Pirâmide, responderam ser o local da baixaria, onde acontecem brigas e por isso eles chamam de xerém, é o sinônimo da baixa qualidade, que deveria ser recuperada para a classe alta [...] foi constituindo-se em um espaço meio marginal dentro do Parque do Povo, no sentido de que foi criado um estereótipo que gerou preconceito entre os frequentadores da parte superior do parque.”

Se a cristalização da imagem do Parque do Povo é dispersa pelas mais diversas representações – como observamos nas capas dos cordéis evidenciando a Pirâmide – é importante mencionar que tal centralização construída faz esquecer da efervescência existente por toda a cidade nos períodos anteriores a ela. A espetacularização vendeu o Maior São João do Mundo de tal modo, que parece que não existia a festa junina antes dela, ou melhor, a comemoração desses festejos apenas nasceu, quando houve a centralização por parte da festa, o que naturalmente, não é verdade:

[...] aqueles que permaneciam na cidade tinham por opção frequentar algum clube social, a exemplo do Clube dos Caçadores, Ipiranga, Paulistano, Campinense, Clube 31 ou Gresse, onde comumente se programavam de dois a três bailes juninos, ou ainda, para os menos abastados, outra alternativa era ficar na calçada das residências a admirar a fogueira sendo paulatinamente queimada ao som de fogos de artifício lançados ao ar. (LIMA, 2008, p.32)

Entre diversas matérias encontradas em periódicos locais, temos um exemplo dessa grande movimentação na cidade de Campina Grande, no ano de 1964:

Os festejos de S. João nesta cidade, tiveram início ontem, como ocorre, tradicionalmente, em todo o país. Apesar das chuvas, muitas fogueiras, principalmente nos bairros, foram acesas no início da noite, dando uma nota característica da passagem da data, ao mesmo tempo que levando o povo para os folguedos de meio de rua. Os clubes estiveram apinhados de gente, até alta madrugada, numa animação reveladora do excelente estado de espírito do campinense. [...] Os festejos sanjuanescos continuam, hoje, com grande programação nesta cidade. Novos bailes e matinais para crianças foram estabelecidas pelos clubes, além de danças em sítios e fazendas, com refeições a base de milho (Diário da Borborema, 24 de junho de 1964).

Matérias como essa do Diário da Borborema eram constantes antes da criação do Maior São João do Mundo. Portanto, a espetacularização promove o esquecimento dessa diversidade festiva, em prol da centralização, cristalizando uma imagem simbólica que também atua na área econômica: O São João de Campina Grande ocorre tão somente no Parque do Povo.

## **2. Entre Versos e Histórias – Conhecendo o Maior São João do Mundo**

### **2.1 Campina Grande e o Turismo**

Podemos iniciar nossa análise, partindo da perspectiva do próprio local que abarca esse festejo junino. Campina Grande é considerada a segunda maior cidade da Paraíba, tendo ao longo da história do estado, muitas vezes o protagonismo em relação à economia e a política em detrimento a capital João Pessoa. Nascida como entreposto comercial entre o Sertão e o Litoral, logo adquiriu o nome de Vila Nova da Rainha. Ao tornar-se Campina Grande, a cidade observa no século XX seu apogeu.

Se tornando uma das cidades do mundo que mais exportava algodão, Campina cresce economicamente, politicamente, socialmente e estruturalmente. Após esse período, a cidade investe em ciência e tecnologia, tornando-se, de fato, uma cidade universitária. Mas, para além disso, abriga alguns grandes eventos sociais, tanto na

área religiosa como na perspectiva festiva. Assim, observando a dimensão da cidade de Campina Grande, e a notoriedade que galgou por conta do seu festejo junino, praticamente todos os cordéis tentam exaltar a imagem da cidade que tem um “grande” em seu próprio nome, como podemos ver em “Venha viver em Campina o Maior São João do Mundo”:

Das cidades que cultuam/ A tradição nordestina/ Sem querer passar à frente/ De grande ou de pequenina/ Pelo tamanho da festa/ A que mais cultua é esta/ Que o povo chama de CAMPINA/ Se CAMPINA GRANDE é grande/ Pela própria natureza/ Porque tem um clima bom/ Muito progresso e beleza/ E esse quê de feitiço/ Mesmo tendo tudo isso/ É humilde em sua grandeza. (MONTEIRO, 2005, p.1)

Já em “Viva o São João de Campina” de João Dantas, também temos tal exaltação: “Campina Grande Querida/ Você merece um poema/ Tua paisagem bonita/ Faz inspirar o meu tema/ Por isso te batizaram/ RAINHA DA BORBOREMA” (DANTAS, S.D. p. 3).

Poderíamos continuar demonstrando essas diversas representações que mostram uma Campina Grande exaltada nos cordéis que nos propomos a nos debruçar, entretanto, acreditamos que todos em uníssimo retratam uma Campina Grande adorada. Um local lindo, com clima agradável, que inspira por meio de sua beleza e do progresso, sendo a rainha da região em que está localizada. Evidentemente que as cargas efetivas demonstradas nos cordéis remontam aos lugares sociais que Certeau (1982) nos apresenta em sua *Operação Historiográfica*.

No entanto, também é necessário entendermos que, para uma festa composta de diversidade de ofertas lúdicas, com sucesso mercadológico e que se denomina como a maior do planeta, era preciso criar também um local mágico, excepcional e exemplar para lhe alocar. Assim, os cordelistas criam por meio de suas representações, uma Campina Grande ideal. Uma cidade desenvolvida, vibrante e que cultua as tradições nordestinas em seu máximo. Essa cidade também acolheria todos aqueles turistas que pretendem participar da festa da melhor forma possível: “Tem sempre os braços abertos,/ No coração? Uma vaga/ Para acolher aos que chegam/ Sem exigência de paga,/ Bons hotéis, paisagens lindas/ E votos de boas-vindas/ Ao som do velho Gonzaga” (MONTEIRO, 2005, p. 1)

“A Micarande e o Maior São Joao do Mundo” de Socorro Soares, também representa isso: “Vem turista de todo o Brasil/ Baianos e Paulista forrozeiros/ Cariocas, Alagoanos e Gaúchos/ Os Amazonenses e Mineiros/ Pois a festa maior do Mundo/ Pertence aos brasileiros” (SOARES, 1993, p.9).

O turismo é um forte propulsor para a economia local de Campina Grande, haja vista, que conta com grandes eventos ao longo do ano, como o Carnaval da Paz e o seu festejo junino. Portanto, tais representações, denotam o envolvimento do turismo na cidade no período junino, mas também mostram um dado importante. A festa centralizada inicia no ano de 1983, ganhando o nome de Maior São João do Mundo em 1984. No ano de 1993 – ou seja, 10 anos após a centralização – a cordelista Socorro Soares, já expõe como a cidade abarcava turistas das mais variadas regiões do Brasil. 12 anos depois, Manoel Monteiro em 2005, repete tal representação acerca do turismo,

ressaltando como a cidade e os hotéis estão de braços abertos para receber os turistas. Assim, é possível perceber que tal movimentação, já se iniciou nos primórdios da festa.

Algo que pode ter sido um fator de impulso para isso, pode ser encontrada no cordel “O Maior e Melhor São João do Mundo” de Adriano Alves Bezerra: “E não para por aí/ São muitas as novidades/ Desta festança que hoje/ Dá mais brilho a cidade./ Pela EMBRATUR, aprovada/ No calendário é citada/ Em nossas festividades” (BEZERRA, 2013, p.11).

O cordel de Adriano Alves faz menção ao registro do Maior São João do Mundo no calendário da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). Apesar do cordel ser do ano de 2013, e nenhum outro que estamos trabalhando citar, tal vinculação ao Ministério do Turismo ocorre já no ano de 1985. É interessante perceber que apenas um ano após a criação do slogan de Maior São João do Mundo, a festividade já é vinculada a esses órgãos. Talvez por tal ligação, já nos primeiros anos de festa, Socorro Soares em seu cordel, já conseguiu mapear pessoas de tantos locais do Brasil participando da festa.

No São João do ano de 2017, a festa impulsionou 200 milhões de reais ao PIB do município, devido as 1,5 milhões de pessoas que circularam na cidade de Campina Grande. A tendência da festa espetacularizada é que aglutinem muito mais pessoas<sup>4</sup>, fazendo com que os próximos cordelistas que lhes representarem disponham de mais criatividade em abarcar pessoas não apenas do Brasil, mas também de outros países, já que essa é a tendência atual (MONTENEGRO; VIEIRA; 2017).

Os turistas buscam as ofertas lúdicas que o período junino de Campina Grande oferece, e é para tal território que partiremos.

## 2.2 Os Territórios do Maior São João do Mundo

Apesar do Parque do Povo ser considerado o quartel general do Maior São João do Mundo, principalmente, por ter centralizado a festa e minguado as festividades nos bairros da cidade, é possível contemplar alguns outros locais em que a festa pode ser usufruída: “E nessa época, o Spazzio/ Também celebra o evento./ Vila Forró, que dispõe/ De muito divertimento [...]” (BEZERRA, 2013, p.5).

Tanto Spazzio, como Vila Forró, se configuram, atualmente, como o território das elites campinenses e dos turistas mais endinheirados, visto que, são as principais casas de show da cidade. Fundadas ainda na década de 1980, impulsionado pelo crescimento do festejo junino, tais locais cobram valores exorbitantes para que os turistas e a elite local curtam os shows dos artistas que estão fazendo sucesso no momento.

---

<sup>4</sup> Segundo Yúdice (2004, p. 11): “A cultura é hoje vista como algo em que se deve investir, distribuída nas mais diversas formas, utilizada como atração para o desenvolvimento econômico e turístico, como mola propulsora das indústrias culturais e como fonte inesgotável para novas indústrias que dependem da propriedade intelectual.”. Portanto, uma das marcas das festas espetacularizadas por meio da indústria cultural, é a busca pelo desenvolvimento econômico que pode ser alcançada pelo meio turístico. O turismo é a mola propulsora para que eventos de tal porte ganhem a dimensão necessário, por tal motivo, o investimento em uma cultura que se relaciona a indústria cultural acontece.

Com direito a taxi aéreo, a Vila Forró tem a tranquilidade de funcionar apenas 2 dias no ano – exatamente em um fim de semana do período junino – o que demonstra o grau de seletividade do pública que adentra em seus átrios para curtir a festa. Nessa perspectiva, a festa é excludente, visto que, não abrange qualquer classe social. Os altos valores dos ingressos afastam a população mais carente, que não tem condições de vivenciar os festejos de sua própria cidade em um todo.

Mas, não é apenas essas grandes casas de shows que não permitem que a festa seja aproveitada por todas as classes. Adriano Alves comenta um pouco sobre mais um desses locais: “Saindo da Estação Velha/ Pra o distrito de Galante./ Forró a viagem inteira./ Uma sensação marcante./ Em Galante, ida e volta./ O sanfoneiro não solta/ A sanfona, um instante” (BEZERRA, 2013, p. 6).

Já, Manoel Monteiro dá mostras do que pode ser encontrado nesse distrito citado anteriormente: “Lá em Galante onde o trem/ Para pra depois voltar/ Tem animadas quadrilhas,/ Forró pra forrosar,/ Milho verde pra comer,/ Caninha para aquecer,/ Chopinho para esfriar.” (MONTEIRO, 2005, p. 5).

Tais representações evidenciam mais um evento ocorrido na cidade de Campina Grande no período junino. O trem do forró é representado por meio da alegria, reiterando de onde parte e para onde vai. Basicamente, como demonstrado por Adriano Alves, o trem faz um percurso saindo da estação ferroviária velha de Campina Grande<sup>5</sup> para um de seus distritos. Ao longo do caminho, trios de forró se espalham em meio aos vagões, enquanto os forrozeiros dançam até chegar no distrito de Galante.

Em Galante, é possível encontrar aos fins de semana festas com a possibilidade de “forrosar”, comer um suculento milho verde, e esquentar ou esfriar com cana ou um belo chopp. Assim, muitos vão para o distrito nos domingos, tanto para festas, quanto para grandes restaurantes que organizam shows com nomes do forró pé de serra. O trem do forró foi criado no ano de 1989, e os que participam se divertem por 1 hora e 40 minutos nesse percurso.

Os que participam, pois, tal como nas grandes casas de show, o trem do forró não é algo palpável para os populares. Quem frequenta tal oferta lúdica são justamente os turistas que festejam o momento, e por serem turistas, imagetivamente, acreditam que aquilo ocorre sempre e que envolve toda população campinense. A representação de cidade do Maior São João do Mundo pode fazer parecer que as celebrações ocorram no cotidiano da população, entretanto, tal oferta não é consumada. Talvez, apenas, nas representações criadas e vendidas na mercantilização da festa.

As representações nos cordéis também remetem a acontecimentos que podem ser acompanhados dentro do Parque do Povo, como a cidade cenográfica que relembra parte da arquitetura antiga da cidade, além das ilhas de forró ou a rua da imprensa, que são pontos importantes do festejo. Tais representações denotam acerca do que pode ser encontrado nas mais variadas ofertas. Entretanto, partiremos para um outro território

---

<sup>5</sup> Campina Grande contou com duas estações ferroviárias que atualmente não funcionam mais, apenas no período junino.



importante, que nasceu dentro da festa, mas que adquiriu autonomia e hoje se configura como local de grande visita dos turistas: o Sítio São João.

Voltando ao Parque do Povo/ Onde o S. João acontece/ Vá ao SÍTIO S. João/ Se ainda não conhece/ Uma CASA DE FARINHA/ Das que ontem tinha/ E quem as viu não esquece./ No SÍTIO S. JOÃO também/ Tem uma Velha Rendeira,/ Um “Armazém” de mangaio/ E uma BODEGA inteira/ Sortida com mil artigos;/ Mais uns poetas antigos/ Com seus folhetos de feira./ Tem uma Capela onde/ O aguarda Santo Antônio/ Para quebrar o seu galho/ Em caso de matrimônio,/ O cenário é tão perfeito/ Por mostrar do mesmo jeito/ Que viveu nosso campônio (MONTEIRO, 2005, p. 6)

Os versos de Manoel Monteiro nos trazem algumas características por meio de sua representação do que seria o sítio São João. O território, como o próprio autor localizou, estava inserido dentro do Parque do Povo, e basicamente, tentava por meio de alguns elementos representar uma pequena vila do interior paraibano. O sítio contava com casa de farinha em que as pessoas poderia degustar o beiju, também continha uma senhora fazendo renda, um armazém e uma bodega com objetos antigos do início do século XX, folhetos de cordel e uma capelinha.

A ideia do seu idealizador – João Dantas, um dos nossos cordelistas, vereador de Campina Grande por alguns mandatos e aliado do clã Cunha Lima – era representar um Nordeste Rural, sendo, na verdade, um museu vivo com pessoas atuando como se vivessem no período. Como relatado, no início de nossa narrativa, Ronaldo Cunha Lima é considerado o pai do Maior São João do Mundo, e João Dantas sempre foi aliado da família, que se sucedeu no governo da prefeitura municipal de Campina Grande por muitos anos<sup>6</sup>. Até que entre 2005 e 2012, Veneziano Vital do Rêgo, de outra oligarquia tradicional campinense, assume a prefeitura, e por desentendimentos entre idealizador e governo municipal, o Sítio São João sai definitivamente do Parque do Povo, migrando para diversos bairros diferentes da cidade e, se alocando em 2018 no local que se encontra até os nossos dias, adquirindo o nome de Vila Sítio São João e tendo sua entrada paga.

A festa, como percebemos, não se destitui do âmbito político, mas caminha lado a lado, como veremos em nosso próximo tópico. Antes, pensemos mais um pouco sobre a representação criada pelo Sítio São João.

Em 2000, João Dantas, em uma entrevista encontrada no cordel “Depósito de Mangaios e Capela São Pedro do Sítio São João” de Arnaldo Cipriano, destacou que: “O Sítio São João é um “point” lúdico plantado dentro do mágico complexo d’O Maior São João do Mundo” (CIPRIANO, 2000, p.1). O point que nasce como oferta lúdica cria vida por meio da emotividade identitária movida por uma memória coletiva:

[...] a festa realmente pontua a memória da cultura junina tradicional com forte apelo para a identidade regional, mas em formatos simbólicos que insistem no espetacular, representado por muita cenografia conforme a contemporânea linguagem tecnológica, na qual o mundo antigo é transposto para o espaço urbano atual, em expressões de recuperação ou reinvenção de usos e costumes. (NOBREGA, 2018, p.31-32)

<sup>6</sup> Sua fidelidade exacerbada fez com que ele escrevesse o cordel ao lado de Arnaldo Cipriano “Tudo de Bom em Campina Grande foi Cunha Lima que Fez”.

Portanto, a representação rural, atua por meio do imaginário e da memória encontrada na cenografia e na recuperação de usos e costumes que não podem mais ser concebidos na cidade. Assim, o Sítio São João, nada mais é do que uma ilha dentro da cidade, que remete a um período rural, em que as pessoas interioranas viviam em prol do campo. Em um período em que cada vez mais as festas juninas se espetacularizam e se distanciam do campo<sup>7</sup>, o Sítio São João tenta fazer o inverso, sendo uma utopia nostálgica acentuada pela memória coletiva. Sendo lapso momentâneo, tal como o trem do forró, haja vista que: “muitos turistas que visitavam Campina nos outros meses procuravam pelo antigo Sítio São João, mas acabavam frustrados ao encontrarem ele fechado”<sup>8</sup>.

As representações de uma Campina Grande que se configura como cidade do Maior São João do Mundo, denotam uma cidade viva, que celebra o festejo, aparentemente, por todo ano, já que é necessário vender-se assim. Todavia, quando observamos de fato as suas ofertas lúdicas, percebemos que as representações, tais como são, não caminham com o que acontece em outros meses do ano, nem muito menos, abrange e consagra toda a população.

### 2.3 Ronaldo Cunha Lima: O Pai do Maior São João do Mundo

Este grande arraial  
Foi Ronaldo que inventou  
Aqui em Campina Grande  
Ele se multiplicou  
Atravessou oceanos  
O seu nome consagrou  
(DANTAS, S.D. p.3)

Ronaldo Cunha Lima, foi um dos maiores nomes da política paraibana tanto em prestígio quanto na quantidade expressiva de votos que conquistou ao longo de sua carreira eleitoral. Advogado e poeta, Ronaldo ocupou os cargos de vereador, Deputado Estadual, Deputado Federal, Prefeito de Campina Grande, Senador e Governador da Paraíba, entre 1959 e 2007. Nascido em uma família de políticos, Ronaldo fez parte do Centro Estudantil Campinense, onde deu os primeiros passos para a vida política. Pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), torna-se vereador, e posteriormente, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) é eleito prefeito de Campina Grande em 1969 (MELLO, 2015).

<sup>7</sup> O cordel “São João é no Luiza Motta” de 2004 e feito por Iremar Santos, demonstra as vantagens e delícias de celebrar o período junino de Campina Grande dentro de um dos Shoppings Centers da cidade. Com versos como: “No Shopping Luiza Motta/ Tem forró pra tu dançar/ Tem pamonha, tem canjica/ Para o cliente experimentar/ Opções e muito mais/ Pois estamos a lhe esperar”, o cordel representa como o festejo que tem elementos característicos do meio rural, se transformou e foi apropriado para esse novo momento em que as festas juninas se tornaram predominantemente relacionadas a economia e política das cidades.

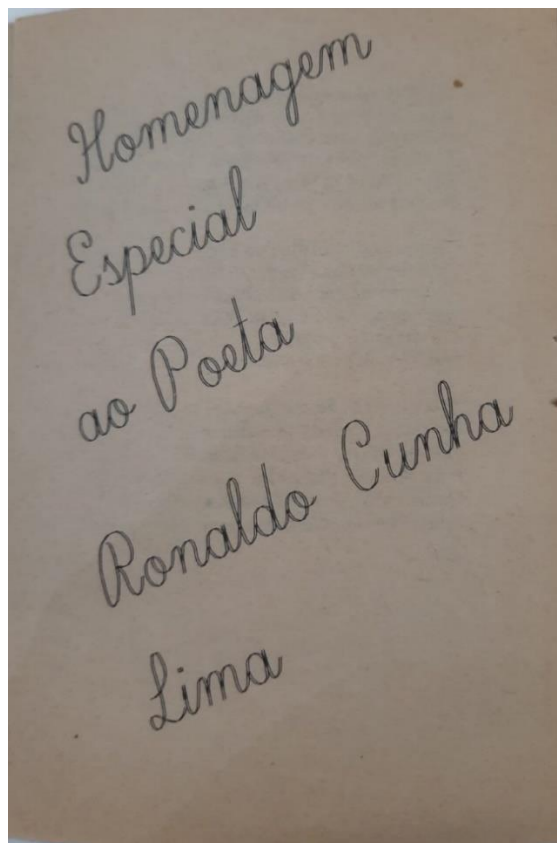
<sup>8</sup> Vila Sítio São João. Inventário. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/vila-sitio-sao-joao/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2022.

Em um período em que o Ato Institucional Nº 5, já estava em vigor no Brasil, Ronaldo Cunha Lima, tem seus direitos políticos e seu mandado cassado, pela ditadura militar, não podendo governar como prefeito de Campina Grande. As principais motivações para isso, seriam as suas ligações com o PTB e seu apoio a campanha da legalidade. Retornou a prefeitura no ano de 1983, ano em que haveria a centralização da festa junina de Campina Grande, e posteriormente a criação do Maior São João do Mundo (MELLO, 2015).

Por ser considerado o pai do Maior São João do Mundo, as homenagens ao seu nome se espalham por todos os cordéis, representando o político como a mente criadora da festa e o exaltando de todas as formas possíveis. Seja por versos: “São João é certamente/ Um festival bem falado/ Intitulado e criado/ Por um cidadão decente/ Famoso e inteligente/ Que merece nossa estima/ Vate que reconhece a rima,/ Origem, estilo e meta/ Que é o grande poeta/ Ronaldo da Cunha Lima” (MULATINHA, 2001, p. 6).

Ou seja por imagens dentro do próprio cordel:

IMAGEM 02: Homenagem a Ronaldo Cunha Lima



Fonte: Cordel “A Micarande e o Maior São João do Mundo”

Tanto em versos, quanto em páginas soltas, a figura do Ronaldo Cunha Lima é homenageado, como um gestor inteligente, famoso, um verdadeiro cidadão decente, e o cara que “criou” a festa de São João. Como dito, além de político, Ronaldo foi um importante poeta, participando de vários programas televisivos que fez dele reconhecido

em todo país, tais como “Sem Limite” no ano de 1988 da extinta Rede Tupi já como prefeito de Campina Grande. Na ocasião, respondeu por meio de versos as perguntas do apresentador sobre o autor Augusto dos Anjos. Por esse apelo midiático, político, e por ser autor de diversos livros, ficou conhecido por sua inteligência.

Entretanto, mesmo Ronaldo, sendo reconhecido como o pai do Maior São João do Mundo, as homenagens não ficam resguardadas apenas a ele. A família Cunha Lima nas representações feitas nos cordéis, também é exaltada e celebrada: “A vida só presta assim,/ Um velhinho disse a mim/ Vamos dançar e beber/ Deixe o contrário roer/ E o a favor dizendo/ Os Cunha Lima fazendo/ Nossa Campina crescer” (MULATINHA, 2001, p. 8)

A família Cunha Lima, é considerada uma das maiores oligarquias paraibanas, atuante na cidade de Campina Grande. Como prefeitos da cidade, eles estiveram à frente da prefeitura – sem contar a cassação de Ronaldo – por 26 anos. Apenas Veneziano Vital do Rego, nas últimas décadas, conseguiu freiar o domínio do clã Cunha Lima. Após isso, os dois próximos que lhe sucederam – Romero Rodrigues e Bruno Cunha Lima – trazem de volta o poder para a família. Assim, alguns deles também são mencionados e exaltados nessas representações:

Findou-se a festa em paz/ Graças ao pai amado/ E o Governo do Estado/ Com os seus policiais/ E Cassio, um homem aliás,/ Prefeito bom e decente,/ Brincou, comeu com a gente,/ Carne de bode e de rês/ E no ano de noventa e três/ Brincaremos novamente./ Gritava um, estou de cima/ Olhando para os cruzeiros/ Entoavam os barraqueiros/ Viva Cassio Cunha Lima/ E, seu pai, homem de estima,/ Governador Consciente/ Um poeta inteligente/ Que nos tira da ruína/ Esse São João em Campina/ Foi bom para muita gente. (MULATINHA, 2001, p. 9-11)

No final da década de 1980, Ronaldo Cunha Lima, segue para o Governo do Estado da Paraíba, mas deixa para Campina Grande um herdeiro político e carismático. Seu filho, Cassio Cunha Lima, foi prefeito por três vezes de Campina Grande, sendo o sucessor representativo do pai, e tornando-se o cérebro articulador da família Cunha Lima. Assim como seu pai, ele também foi Governador e Senador da Paraíba, e tal como Ronaldo Cunha Lima fez, Cassio já escolheu um sucessor: Pedro Cunha Lima, que atualmente já é Deputado Federal.

Na representação de Antonio da Mulatinha, observa-se uma exaltação dupla. Tanto ao Governo do Estado, que naquele momento era regido por Ronaldo, quanto para a prefeitura, que tinha como líder, Cassio. O Governador consciente e inteligente, protegeu toda a festa por meio dos seus policiais, já o Prefeito é saudado por ter contribuído com os barraqueiros, e por ser humilde, pois brinca com o povo e senta-se com eles a mesa para comer. As representações de simplicidade e despojamento do prefeito, e de talento, criatividade e cautela do governador são alicerces que foram ancoradas nos meios midiáticos da Paraíba, como os jornais, ou pela elite intelectual do período, sendo posteriormente fomentado por meio da oralidade, e assim representado nos cordéis locais. Afinal, quem foi tão inteligente ao ponto de “criar” o São João? Quem é tão bom ao ponto de trazer muitos cruzeiros para os campinenses? Eram eles, os Cunha Lima.

Todavia, um detalhe que muitas vezes passa despercebido na narrativa do pai do São João de Campina Grande, é sua criação. O São João de Campina Grande, naturalmente, não nasceu com a prefeitura de Ronaldo Cunha Lima. Na verdade, o período era muito comemorado na cidade, em sítios, e fazendas, clubes de elite, sociedade de amigos de bairro e clubes de mães, e nas próprias ruas como já frisamos no início de nossa discussão. É possível, inclusive perceber alguns versos acerca disso nos cordéis:

Antes, festejos em família./ Mas já se comemorava/ E o forró pé de serra/ Nas festas, nunca faltava./ Dançava-se a noite inteira,/ Apreciando a fogueira,/ Parado ninguém ficava./ Pelos bairros campinenses/ Havia organização/ De muitas danças juninas,/ Com a participação/ De toda comunidade/ Espalhados na cidade/ Na maior animação. (BEZERRA, 2013, p. 2).

No período citado que se inicia por volta da década de 1940 e se estende até os primeiros anos de 1980, a cidade vivia intensamente a multiplicidade junina, haja vista que, todos os grupos sociais festejavam, independente da sua classe social. A elite campinense buscava os principais clubes sociais, ou brincavam nas fazendas e sítios da cidade, já os mais pobres, organizavam suas festas e quadrilhas nas suas próprias ruas ou nas sociedades de amigos de bairro. Assim, tal representação do cordel é coerente com o cotidiano da cidade no período junino da metade do século XX. Contudo, após representar tal diversidade anterior ao Maior São João do Mundo, o autor prossegue desta maneira:

E Ronaldo Cunha Lima/ Que na época era prefeito,/ Vendo o sucesso do evento,/ O fez subir de conceito/ Dando contribuição/ Para sua ampliação/ E ninguém botar defeito./ No ano oitenta três/ Houve o primeiro evento,/ Feito no Parque do Povo/ Onde surge o ornamento./ O seu sucesso se espalha,/ Feitas, palhoças de palha,/ Com o piso de cimento. (BEZERRA, 2013, p. 3).

Nestes versos, o autor representa a figura do prefeito Ronaldo Cunha Lima, iniciando no ano de 1983, o Maior São João do Mundo, após observar o sucesso do evento. No entanto, a narrativa esquece do período entre 1977 e 1982, em que o prefeito Enivaldo Ribeiro comandou Campina Grande. O sucesso apresentado nos versos, pode ser compreendido, como o período em que o município inaugurava os primeiros flertes com o período junino, observando justamente a arrecadação que poderia abarcar. Tal momento foi realizado pelo prefeito Enivaldo Ribeiro.

No período em que esteve à frente da prefeitura, Enivaldo Ribeiro integrou os festejos que já aconteciam na cidade ao apoio do município. Assim, em sua gestão e com a organização da primeira dama Virginia Velloso Ribeiro, temos a criação de territórios para festejar o São João, como a CEASA<sup>9</sup> ou o pátio da Estação Ferroviária Velha. Além disso, a prefeitura também cria competições de quadrilhas de rua, de violeiros, faz apresentações de escolas e contrata cantores para animar as festas dos bairros. Havia a preocupação, até mesmo, de festejar com os encarcerados no presídio da cidade. Assim, o São João comemorado no período do prefeito Enivaldo Ribeiro estava mais preocupado em participar da multiplicidade festiva da cidade, do que centralizar, tal como Ronaldo faria posteriormente:

<sup>9</sup> Central de Abastecimento da Paraíba.

Completas de brilhantismo têm sido as festividades juninas promovidas pela Prefeitura Municipal de Campina Grande durante os festejos juninos, os quais se estenderão até o dia 29<sup>10</sup>. O Prefeito Enivaldo Ribeiro juntamente com a Primeira Dama do Município Virginia Velloso Borges Ribeiro, tem se feito presente a todas as promoções, além de um grande público que frequentemente tem prestigiado às festividades, misturando-se aos participantes numa euforia impar, ao som das músicas tocadas pelos nossos conjuntos regionais. Desfiles de carroças, forró, quadrilhas, coco de roda, pau de sebo, cirandas e outros entretenimentos tem sido a tônica das festividades desse ano, conseguindo superar em animação, participação e integração, ao São João do ano passado [...] (Diário da Borborema, 24 de junho de 1981.)

Em trecho do jornal Diário da Borborema do ano de 1981, encontramos fartos elogios do periódico as festividades promovidas pela prefeitura. É importante perceber que antes de Enivaldo Ribeiro, não havia envolvimento do município no festejo junino. A primeira integração da prefeitura ocorre no ano de 1977. Assim, o sucesso que o cordelista anuncia é decorrente das festividades apoiadas na prefeitura de Enivaldo Ribeiro, e é justamente observando tal sucesso, que Ronaldo Cunha Lima reinventa a festa, desta feita lhe centralizando e dando características próximas a espetacularização.

No entanto, apesar da importância, em nenhum dos cordéis que analisamos, observamos em suas representações alguma referência aos festejos do período em que Enivaldo Ribeiro estava à frente da prefeitura. Afinal, a memória dos festejos juninos de Campina Grande segue apenas a narrativa da criação de Ronaldo Cunha Lima? E se Ronaldo Cunha Lima é considerado o pai do modelo centralizado e espetacularizado que a prefeitura promove em Campina Grande, podemos dizer que Enivaldo Ribeiro seria simbolicamente o “avô”? Não aprofundaremos tais questões, mas entendemos a necessidade de novos olhares para tais lacunas.

## **Considerações Finais**

Em nossa jornada para descobrir as representações encontradas nos cordéis acerca do São João de Campina Grande, podemos observar diversos detalhes interessantes sobre o festejo. Desde a centralização da festa em um determinado local criado, até mesmo seus diversos territórios, as representações do político considerado o pai desse novo formato de festa, e também as dos turistas.

É interessante perceber que o objeto festa pode ser percebido em âmbitos diferentes. Por meio de representações encontramos diversas perspectivas que dialogam com a cultura, a história, a economia e a política da cidade.

Além das representações, também observamos as narrativas de exaltação e enaltecimento encontrados nos cordéis. Observa-se que tais adorações ocorrem especificamente à políticos ligados a família Cunha Lima, que é considerada a criadora do Maior São João do Mundo.

---

<sup>10</sup> Algo importante a ser mencionado é que a duração de dias de São João nesse período também era extensa. Iniciava-se próximo ao dia dos namorados e seguia até o final do mês.

Acreditamos que tais representações, construídas por intelectuais e poetas, contribuíram para a cristalização imagética do São João de Campina Grande com oligarquias paraibanas importantes. A proximidade desses grupos com Ronaldo Cunha Lima são fatores preponderantes para isso, haja vista que, autores dos cordéis tinham ligação partidária com Ronaldo Cunha Lima. Desse modo, a elaboração desse cenário festivo alegre nos cordéis, com variadas ofertas lúdicas e, com o responsável de proporcionar toda essa alegria, não é algo que pode ser visto com ingenuidade. A festa também é política, e não pode ser desassociada.

O Maior São João do Mundo, evento consolidado em todo o Brasil e mundo, abrange vários aspectos da vida campinense. A divulgação e entusiasmo para celebrar diariamente com forró e muita festa, o aquecimento da economia local, os patrocínios e o turismo, e a construção de representações como as postas nos cordéis, por exemplo, alicerçam no imaginário local e nacional a ideia de um São João espetacularizado. Um São João que nasceu grande, centralizado e simbolicamente com um “pai”, fazendo esquecer, a pluralidade festiva que ocorria em anos anteriores a espetacularização da festa.

No entanto, são por meio de indagações e do mapeamento da própria história da cidade que compreendemos que tais representações construídas sobre o São João de Campina Grande são, na verdade, uma composição narrativa simbólica e política para favorecimento de um determinado clã oligárquico.

Assim, com nossa pesquisa, compreendemos a necessidade latente da produção de novos trabalhos voltadas ao São João de Campina Grande. É possível encontrar teses<sup>11</sup> que trabalham principalmente o período de 1983 a diante, que é quando o festejo junino se torna o Maior São João do Mundo. Entretanto, o período anterior sofre com um déficit de pesquisas que respondam um conjunto de novas perguntas. Desse modo, acreditamos que nossas indagações podem ser um fio condutor para o surgimento de novas investigações que foquem no período anterior ao Maior São João do Mundo.

## Referências

- BEZERRA, Adriano Alves. *O Maior e o Melhor São João do Mundo*. Gráfica Martins: Campina Grande, 2013.
- CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

---

<sup>11</sup> Essas são as teses mencionadas que posteriormente tornaram-se livros: MORIGI, Valdir Jose. *Narrativas do encantamento: o maior São João do mundo, mídia e cultura regional*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007; LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. *A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. 2ª Edição. Campina Grande: EDUFCEG, 2008; NÓBREGA, Zulmira. *A Festa do Maior São João do Mundo: Dimensões Culturais da Festa Junina na Cidade de Campina Grande*. Tese de Doutorado em Cultura e Sociedade. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

CIPRIANO, Arnaldo. *Depósito de Mangaios e Capela São Pedro do Sítio São João*. Fundação de Cultura e Esportes: Campina Grande, 2000.

DANTAS, João. *Viva o São João de Campina Grande*. Gráfica Martins: Campina Grande, S.D.

Diário da Borborema, 24 de junho de 1964.

Diário da Borborema, 24 de junho de 1981.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. *A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. 2ª Edição. Campina Grande: EDUFPG, 2008

MAKOWIECKY, Sandra. *Representação: A Palavra, A Ideia, A Coisa*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Dezembro, 2003.

MELLO, José Octávio de Arruda. *Ronaldo Cunha Lima: a trajetória de um vencedor (1936-2007)*. João Pessoa: Ideia, 2015.

MONTEIRO, Manoel. *Venha viver em Campina O Maior São João do Mundo*. Gráfica Martins: Campina Grande, 2005.

MONTENEGRO, Rebeca; VIEIRA, Emilaine. *Onde está o maior São João do mundo?* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/entretenimento/onde-esta-o-maior-sao-joao-do-mundo/>. Acesso em: 24 de Abril de 2018.

MORIGI, Valdir Jose. *Narrativas do encantamento: o maior São João do mundo, mídia e cultura regional*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007

MULATINHA, Antonio da. *O Maior São João do Mundo e a Micarande em Campina*. FUNCESP: Campina Grande, 2001.

NÓBREGA, Zulmira. *A Festa do Maior São João do Mundo: Dimensões Culturais da Festa Junina na Cidade de Campina Grande*. Tese de Doutorado em Cultura e Sociedade. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

SANTOS, Iremar. *São João é no Luiza Motta*. Gráfica Martins: Campina Grande, 2004.

SILVA, Andrêssa Livanilde da. *O amor em versos: As relações afetivas e representações femininas na Paraíba Moderna (1920-1930) nos folhetos de cordéis*. Licenciatura Plena em História. UFCG: Cajazeiras, 2015.

SOARES, Socorro. *A Micarande e o Maior São João do Mundo*. Gráfica Diplomata: Campina Grande, 1993.

Vila Sítio São João. *Inventário*. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/vila-sitio-sao-joao/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2022.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: os usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.